

7722

SILVESTRE DE ENCOIRADOS

VIDA RURAL

ENTRE O AIRÓ E O CÁVADO

Do

*Concorrente
ao
Grémio Juvenil
Pereira - 1964,
da Comissão Municipal
de Turismo de
Barcelos*



SEPARATA DO BOLETIM
DO GRÉMIO DO COMÉRCIO DE BARCELOS
1962

B)
31(469.12)(04)
ENC

O RURÍCOLA

O rural minhoto tem na vida do campo, se bem que mal remunerado, alegria e vivacidade.

O trabalho é duro e esta boa gente, humilde e canseirosa, não transparece a rudeza das fainas. Tudo faz resignada e satisfeita.

Escravo das suas leiras, próprias ou de renda, afirma orgulhoso : — a lavoura tudo dá !... e ele frugal e sem ambições com bem pouco se basta. Almoça magras migas, jantando e ceando avantajada, mas magra, pelangana de caldo à mistura de acenteada broa a apresigar uma sardinha e vive contente graças a umas malgadas de saltarelo.

Só em dia de serviçada e de rôgo, romaria ou festança come à tripa forra.

Mal luz o buraco passa a cantar para o campo, faça sol na eira ou chuva no nabal, onde seu mal espanta, regressando ao lusco fusco, cansado mas ainda a cantar.

Entremeia de descantes, danças, ruscadas, (a praga dos alto-falantes tudo adultera) e ditos brejeiros, as serviçadas, rifas, romarias e antigamente na eira ou no souto da aldeia folgava até noite alta. Quantas, não fora o setestrela, esquecia que o dia seguinte era de trabalho.

*

A lavoura luta com falta de braços.

A cidade e a fábrica tentam — melhores horários e maiores jornas.

Felizmente vai-se verificando um ancestral amor à terra.

Uns quantos, mesmo trabalhando nas oficinas, continuam a viver na aldeia natal, onde lhes nascem e criam os filhos no ambiente rural e saudável que lhe legaram os avós; à tarde, ao sair da fábrica labutam até ao escurecer no campo, ajudando pais e irmãos ou vizinhos amigos. Prova mais que suficiente que está vinculado à terra pelo sangue e pelo amor ao trabalho, não descurando a indústria.

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 56117



Barcelina

Perm.

O artesão (carpinteiros, ferreiros, pedreiros, alfaiates, sapateiros, etc.) sabe de lavoura e o trabalho campestre lá se faz com a sua ajuda, não a jornal, mas com o seu contributo de rogo nas alegres serviçadas.

O agricultor abastado, ciente que não se perde a dignidade sendo honrado lavrador, continua não obstante muitas vezes o seu curso superior, na administração directa das propriedades.

O lavrador mediano abarca resignado tributos e a fruta do tempo fazendo a mão na esterradoira ao seu jornaleiro certo de que «quem quer vai, quem não quer manda».

O caseiro amanha as terras ou a quinta do Senhor que, lá longe no conforto da cidade, recebe a renda ou pensão.

Raramente é paga em dinheiro; arrendam por tantos carros de pão (milho) tantas razas de centeio e feijão, entregue pelo S. Miguel, limpo e seco em casa do Senhorio.

Existe também a modalidade de terço e raras vezes de meias. Com honestidade seria a mais humana e justa.

O vinho a cultura mais rendosa geralmente é na totalidade do patrão. Alguns a troco do serviço da poda e sulfatina colhem as uveiras, com que pouco mais fazem que uma água-pé.

Há também a modalidade de terço, sendo todo o serviço da vinha de conta do arrendatário.

Senhorios existem que sabem interpretar o angustioso sonho das vacas magras, perdoando parte da pensão; outros indiferentes às canseiras e trabalhos dessa classe que espera um olhar devotado e sério para os seus interesses, os mais sagrados por representarem o pão da boca, levam à risca o contrato quer o tenham colhido ou não.

Assim o caseiro, cheio de dívidas, está a entregar as terras que já os avós trabalharam, a casa onde nasceram pais e filhos durante várias gerações, enraizando-se num compreensível amor aquele terrunho que tratavam e cuidavam como seu só porque o transmitiam aos filhos.

Mas o rendimento, já magro para um, como para dois ?...

Quem não pode arar as suas terras ou administrá-las directamente (outro officio mais rendoso o ocupa) não as deve possuir.

O criado de servir, contratado pelos usos (uma tachadura de socos por ano, a vestia de cotim, a camisa de riscado, noutros tempos vestiam da teia, camisa de tomentos e calças de leteira) cama e mesa e quando mais crescidos soldada.

Quantos foram para a Casa Grande como rapazinhos do gado e lá se fizeram homens, bons tratadores da junta de engorda, conhecedores da partilha das águas da casa, canseirosos nas suas tornas, zeladores de todos os interesses do Patrão, vindo-lhe a merecer a maior confiança, recebendo a maior honra — moço do governo.

Senhor das chaves do celeiro e da adega, prova de alto crédito, é tratado como um familiar e ouvida a sua opinião nos negócios e fainas da casa do nosso lavrador.

A criada, rapariguinha da erva, transformava-se muitas vezes, por suas qualidades de trabalho, jeitosa na venda dos frutos no mercado semanal e zelosa dos serviços caseiros e tão séria de contas que se lhe podia confiar ouro moido, na moça da casa e até nos achaques da ama a governanta.

Quando Deus queria lá se talhavam um para o outro às escondidas pelo quarto da palhada e casavam.

O lavrador não os dispensava, cedia-lhe de bom grado o quarto da varanda continuando a trabalhar juntos e até lhe criava os filhos à mistura com os seus.

O sem eira nem beira ou não se fixa ou ajuda estes nas épocas de maiores afazeres, diário na casa grande, a troco de humilde salário — o jornaleiro.

Nesta classe também se podem incluir as vítimas da «Lei do Morgadio». Da irmandade um é lavrador (os pais fazem arranjo — doação da cota disponível — com reserva de usufruto ou pensão e a obrigação de tratamento, são como são, doente como doente, senhor de nas suas propriedades poder estar ao sol e à sombra e onde bem quizer e lhe apetercer) os restantes irmãos à mingua de terras vão ao jornal.

II

A T E R R A

A propriedade está muito dividida e a Quinta não abunda na região. Predomina o eido e fora de portas terrenos dispersos — a leira e o campo.

Na veiga espiga o milho, na seara doura o centeio, pelos linhares florescem as castas do grosseiro mourisco ou do sedoso galego e no cortelho o batatal e a horta grande.

Dividindo as leiras, salgueiros, carvalhos e choupos, balouçam vaidosos a vide, assoalhando os tintos cachos que darão o melhor.

À volta do campo as ramadas vão substituindo a uveira num maior rendimento e inferior qualidade.

Nas póvoas o aneiro olival que dá de azeitona cuidadosamente seleccionada um tipo de azeite de sabor e acidez comparável ao de Castelo Branco, na abalisada opinião dos técnicos e dos paladares mais exigentes.

O laranjal verdega na encosta fornecendo doces e sumarentos frutos.

Soutos de castanheiros arreganham dourados ouriços, debangando perdulários castanhas «marelais».

Numa pouco compensadora cultura, os melões casca de carvalho «afruitam» nas terras secas, mas de regadio, o mais saboroso quando reúne três predi-
cados — azeitonado, februdo e apimentado.

A trepar os montes e pelo cume das serras ou na boucinha da deveza, roçam o tojo molar que adubará, depois de curtido, as nossas terras.

O manancial da serra, os encoros da ribeira, o poço que o engenho estancará e a cegonha na horta, dão o sangue de tão trabalhosa mas produtiva região.

Ao fim dos cobertos e da eira todos possuem (melhor ou pior amanhado) um tranco de terreno, ainda considerado dentro de portas, onde usufruem pomar, jardim, horta, recreio e logradouro — o eido.

Quando tratado com esmero é joia cara engastada nos rusticos muros; a coroa de glória do lavrador minhoto que se preza.

Mimo de frutos, odorífero de flores, viçoso de «crujidades» e até aprazível distracção.

O pomar, sem o alinhamento axadrezado, é variado e sem pragas. De tudo há numa continuidade proveitosa em diversas épocas do ano.

Abunda a macieira e em especial a deliciosa e coradinha «porta da loja» maçã de todo ano quando conservada de madureiro pelo artesoadado da sala grande.

Não as conhecem pelos nomes pomposos de catálogo, sabem apenas quando dão fruto : — esta do S. Bento do Verão aquela da Abadia de Longe, aquela outra pelo S. Tiago Padroeiro.

Ao fundo, o velho, e ganoso pelitreiro, suporte dos «mideiros» de palha milha de que se sustenta nos demorados invernos, o gado que berra e muge nas cortes, dá pelos Santos frutos de travo acri-doce, aos carros.

A pender para a cangosta a amaldiçoada onde a guicha felosa depenica os figos bacorinhos, como a marcar os maduros.

Perto da eira, sem ensombrar, velha e já esgalhada cerejeira, arauta da primavera no eido, oferece-nos em cada gano um ramalhete, para mal despontar o Maio, encher milagrosamente de cachopas vermelhinhas e carnudas o gracioso cesto da lavradeira que na feira franca transformará em chorudo rendimento com que folga e merca prendas nas Cruzes.

Já cansada de dar frutos às rasas, a secular nogueira que ninguém duvida ter visto as da mesma espécie, mas de cerne criado, sacrificarem-se na construção do interior das naus que demandaram gloriosas a Índia e o Brasil. Nenhum entendido na «poda» teria dúvidas em passar-lhe certidão de Quinhentos.

Ao canto do colmeal, rústico jardim, sem estilo, mas sempre florido, merece o maior cuidado à filha moça que por obrigação enfeita o altar da Senhora do Rosário e por interesse o casamenteiro Santantoninho.

A florescer pela borda do tanque, o craveiro, que rapaz do seu agrado aceita e exhibe na orelha ao domingo, quando o par vai sem pressa a caminho do terço.

A horta sempre continua, o alfobre, a transplantação, a fartura, os netos... e a florir umas, dão-lhe a semente e novamente o alfobre. A margem do cebolo, de canteiros enfeitados pelo tomateiro e gradeada a cheirosos pés de alfádega, dá doces «avós» e mais tarde a melhor do mercado — cebola de Barcelos.

O ervilhal em flor, as tenras vagens a subir aos centos pelos secos arjões e quando a seara permite, gagueiras de melancias — a mais fresca e doce merenda da região.

Cercando o eido, para não roubar o sol, vida de tantas culturas, cepa

velha que de criada em terra soalheira dá cachos de castas verdes, mas vinho como melão.

As temporãs «branco da abadia» e seródias «albarocas» são o governo da casa. Ê vê-las no mercado acotulando o cesto de cana e de regresso a algi-beira cheia.

Recreio e logradouro é todo aquele conjunto na época própria e de maior fertilidade.

Fertilidade e frescura advem do enramado tanque de bem talhada esquadria, onde leve, puro e fresco, cai sussurando o ouro branco, pranto contínuo da mãe de água — o sobranceiro Airó.

Digo pranto, embora a lenda o esconda (é feio um homem chorar) e Airó foi moço esbelto, forte e valente, mas pouco venturoso aos amores.

Por sua má sina e desventura hoje admiramos levantado em monte ao tentar abuso na linda pastora — Virtude — que chora para sempre sua desdita, transformada em milagrosa fonte.

Também ele lamenta, embora de aspecto altaneiro, arrogante e duro, o crime, em rio de lágrimas.

A natureza compadecida enxugou durante milénios seu pranto nas terras do vale, não fosse o Rio Grande que em Vilar o pé lhe lava, contar ao mar tão vergonhosa fraqueza.

A veiga fértil e o manancial tentou os do Mosteiro (já não é lenda) e o Rei fez mercê das terras pingues e de regadio.

Depois o Couto... a apresentação de Vigário... a preferência dos cilícios à rabiça, foram-nos alcunhando de foreiros.

Limpo e seco à portaria...

Assim vão levando a água ao seu moinho

Os tempos mudam e as questões surgem.

As levadas são das nossas terras, pensam atrevidos (atrevidos é linguagem do Mosteiro) alguns vizinhos dos encoros e o direito torna-se duvidoso.

A generosidade dos Bons Homens transparece...

Convencidos que a força do direito se vai sobrepondo ao direito da força, convidam, chamando-lhe consortes — bons sociólogos — para em conciliação amigável se proceder à partilha da água.

E ao som de campã tangida, deixam as celas juntando-se na portaria, Senhores e Servos.

Na presença do tabelião, de dentro acordam e cedem, animados de sã caridade, opinam uns, adoçam a «pírua», segredam outros, com o fim de facilitar aos foreiros o pagamento da pensão que a eles Senhores era devida, dando... da melhor das vontades metade da água desde o S. Pedro à Misericórdia, para fertilidade das «Selbadas».

Se a tradição popular não usasse dizer : — de boas intenções está o inferno cheio !... eu diria — santa gente...

Alguns orgulhavam-se de nenhum ascendente seu ter posto pé no Convento, nem tão pouco passar procuração para ser lesado.

Não sabiam de leis, mas era tão intuitivo o direito ⁽¹⁾ que não tiveram dúvidas em minar no monte que lhes pertencia, ajudando o lendário Airó a desabafar seu pranto.

Discretamente, sem o envergonhar, desceram mansamente aquele choro ao vale em caleiras que a serra lhe ofereceu, recebendo condignamente em taças de granito a fertilidade do eido.

Quando a tarde de estio permite a sesta, gozam e usufruem logradouro patrões e criados à sombra da frondosa japoneira, embalados pelo zumbir das abelhas nas acetinadas pétalas da camélia ao carrear laboriosas para os cortiços, alinhados na pedra adrede colocada ao abrigo da nortada, nectar fino das flores do canteiro e do pomar.

E assim o colmeal transbordará de delicioso mel, colhido e fabricado no eido, que fará rescender os mexidos do Natal.

Telo-rio, Março de 1962.

(1) Direito defendido e comprovado recentemente, em causa própria, pelo Douto Advogado Doutor Manuel Fortes d'Ascensão Correia.

Acórdão «jure optimo» do Supremo Tribunal de Justiça, em 4-1